

Leitura para os jovens e entre os jovens: com a palavra, os leitores

Daniela Maria Segabinazi¹

Jhennefer Alves Macêdo²

Resumo: Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre a formação de leitores e o gosto pela leitura da literatura de adolescentes e de jovens, discentes matriculados/as nos anos finais da educação básica. O objetivo da investigação foi evidenciar a partir das falas dos leitores que há uma circulação de livros intensa entre eles e que há uma comunidade leitora fervorosa, indicando que os jovens leem literatura. O aporte teórico utilizado nas discussões e nas análises dos resultados vieram de estudos e leituras de outras pesquisas, especialmente de Ceccantini (2000) e de Souza (2019), e dos teóricos Abreu (2006), Candido (1995) e Bourdieu (1983). Como resultados, a partir da pesquisa de campo realizada por meio de um questionário, temos a percepção de que há uma significativa leitura literária acontecendo entre os jovens, que há uma assiduidade entre os adolescentes no tocante à leitura literária, e que possuem critérios específicos aos escolherem suas leituras, abarcando tanto fatores intraliterários quanto extraliterários. Por fim, também constatamos que a ausência de leituras de obras premiadas ocorre por desconhecimento e lacunas no trabalho docente que não apresenta tais obras a seus alunos/as, pois com uma boa mediação é possível que tais livros sejam lidos e bem recebidos por seus leitores.

Palavras-chave: Jovens; Leitores; Literatura; Escola; Anos finais.

Introdução

Escritas em décadas anteriores, em meados do século XX, distopias como as obras *Admirável mundo novo* (1932), por Aldous Huxley; *1984* (1949), de George Orwell e *Fahrenheit 451* (1953), por Ray Bradbury, apresentam-se como a tríade distópica de maior alcance no ocidente. Três romances que preveem um futuro devastador para a humanidade, em que todos viverão sob o julgo da alienação. Além disso, outra semelhança aproxima-as, o postulado de que os livros sempre foram vistos como um perigo para a sociedade, afinal, eles são capazes de retirar as vendas ideológicas e revelar os raios de sol que despontam em nossa mente quando absorvemos a multiplicidade de informações e de sentidos que contêm, o que acaba por produzir inúmeras reflexões e posturas críticas acerca da sociedade e de nós mesmos,

¹ Professora na Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Mestra em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>. E-mail: dani.segabinazi@gmail.com.

² Professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Lúcia Giovanna Duarte. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2361-0405>. E-mail: jhenneferufpb@outlook.com.

direcionando, principalmente, a visão para a primeira, o que denota um perigo para um bom andamento das ordens impostas.

De maneira mais específica, *Fahrenheit 451* (1953), por Ray Bradbury, descentraliza a responsabilidade quanto à quase total escassez da leitura das instâncias governantes, posto que, conforme explicitado na obra, a população, pouco a pouco, foi afastando-se dos escritos, algo percebido pelas solicitações de que as leituras, tanto literárias quanto não literárias, fossem sendo apresentadas, cada vez mais, resumidas, ao ponto que, no final, não havia mais qualquer interesse das pessoas pelos livros, interesse esse que foi revertido para as tecnologias – programações previamente preparadas e que não demandavam mais esforço de raciocínio. Assim, quando as ditaduras que proibiam completamente a leitura foram instauradas, não houve oposições, salvo algumas exceções, afinal, já não havia praticamente leitores.

Fora da ficção, deparamo-nos com uma realidade que parece não estar distante das ficções científicas, pois, não cessam as produções, sobretudo de documentários e de reportagens, alertando sobre a perigosa influência da tecnologia na vida da população, sobretudo no dia a dia dos jovens, afastando, dessa maneira, esse público do gosto pela leitura. Tal assunto desponta como preocupação para muitos especialistas, principalmente, aqueles vinculados às áreas da educação e da psicologia, posto que o distanciamento entre o ser humano e os livros, bem como ilustrado por Antonio Candido em seu ensaio *O direito à literatura* (1995), representa uma grande privação, pois os textos – aqui ressaltamos principalmente os de natureza literária – provocam transformações incalculáveis no homem, de maneira que o olhar, principalmente de ordem crítica e reflexiva, deste para a sociedade vai transformando-se pouco a pouco. Dessa maneira, ao consideramos o atual painel, notamos um risco eminente dessas transformações mencionadas por Candido efetivamente acontecerem, haja vista que a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, realizada em 2020, sinaliza que houve uma perda de 4,6 milhões de leitores, no Brasil, entre os anos de 2015 e 2019. Então, considerando estas constatações, poderíamos inferir que estaríamos caminhando para os futuros distópicos previstos pelos autores das obras literárias ilustradas acima?

Conforme as percepções do estudioso João Luis Ceccantini, convidado, pelo jornalista Eduardo Sombini, para compartilhar seu posicionamento acerca desse cenário, em uma matéria divulgada pelo Folha de S. Paulo, em 2019, intitulada “Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade”, essa provável prerrogativa é falsa, afinal, para ele, “Se tem alguém que lê no Brasil são os jovens, e não só porque estão na escola. A pesquisa mostra que se lê menos com o aumento da faixa etária, e esse é um dado desastroso.” (Ceccantini *apud* Sombini, 2019). Inclusive, o desastre anunciado por Ceccantini coaduna com os que são apresentados na ficção, principalmente em *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, tendo em vista que são os adultos os principais grupos alienados da ficção, sendo uma jovem menina a responsável por abrir os olhos e adicionar muitas dúvidas na mente de um dos principais destruidores de livros da narrativa.

Em acréscimo, a citada matéria, tendo como referência os dados divulgados, ainda em 2016, pela investigação Retratos da leitura no Brasil, referente ao hábito de leitura dos brasileiros, apresenta as seguintes informações:

Crianças e adolescentes concentram as maiores proporções de leitores na população. Na faixa de 5 a 10 anos, 67% são leitores. O topo do índice está na faixa de 11 a 13 anos, com 84%, e diminui para 75% entre os jovens de 14 e 17 anos. A partir dos 18 anos, a taxa de leitores cai continuamente (Sombini, 2019).

Considerando a alta porcentagem de jovens leitores, Ceccantini problematiza aqueles críticos que ainda insistem na errônea afirmação de que esse público não está interessado em livros e ressalta uma política de desvalorização dos gostos literários dos leitores juvenis:

Nunca vou ser contra a leitura de obras canônicas, mas há um divórcio muito grande entre cultura de massa e cultura erudita. Quanto mais você se afastar do cânone e aproveitar o imaginário da criança e do jovem para estabelecer pontes com a cultura erudita, melhor (Ceccantini *apud* Sombini, 2019).

Assemelha-se à compreensão do autor aquela defendida em *Cultura letrada* (2006), obra da pesquisadora Marcia Abreu, que desenvolve um estudo acerca das ligações existentes entre a orientação do que se deve ler e quem designa tal leitura ideal, revelando, por meio de exemplos, tais quais estavam ancorados nas “famosas listas dos mais lidos” durante o ano, ou

até mesmo nos títulos que se deve ler antes de morrer, constatemente encontrados em *sites* virtuais, que há uma incorência quando realizadas comparações com o que realmente está sendo lido pelos leitores comuns, isto é, os que não estão dentro desse universo acadêmico.

De modo ainda mais específico, uma vez que essa pesquisa concentra-se na discussão dos repertórios de leitura dos jovens deste tempo, recuperamos um estudo recente desenvolvido por Souza (2019), o qual visa, especificamente, investigar a presença da literatura premiada em sala de aula e os diálogos que acontecem entre essas obras e os seus leitores reais. De modo constativo, o estudioso diz:

Pudemos inferir, assim como Souza (2015) e Silva (2017), que os livros mais lidos e preferidos dos estudantes são aqueles lançados pela indústria cultural (o que talvez indicie, mais uma vez, que a instituição escolar não tem tido a mesma importância social que as instâncias organizadas pelo mercado e, conseqüentemente, orientada antes ao lucro que à formação humana plena) (Souza, 2019, p. 25).

Para ele, tamanha discrepância precisa ser investigada e refletida, pois,

Evidentemente, não se trata de má vontade ou indiferença dos profissionais da educação ou da instituição escolar de modo geral: a estrutura social extremamente desigual (inclusive no que diz respeito ao tempo livre necessário à leitura); a falta de acesso aos bens mínimos necessários para um percurso de escolarização de qualidade; a baixa remuneração e a ausência de políticas de formação continuada para os professores; a quase inexistência de bibliotecas atualizadas, bem equipadas e com profissionais especializados – enfim, tudo isso é que conjuntamente desenha este quadro, que acaba reforçando a ideia de que a escola não consegue fazer um bom trabalho na formação de leitores literários. Ou seja, a responsabilidade por essa propalada ‘crise da leitura’ (que rebate na ideia de ‘crise da escola’) é coletiva e de toda a estrutura social, não apenas escolar (Souza, 2019, p. 148).

Uma percepção que reforça a que já havia sido diagnosticada por Ceccantini (2016, p. 89):

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, espetáculos multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens

e suportes, fundindo-se variadas modalidades. Frequentemente esses livros são traduções, em sua maioria produzidos pela indústria cultural de língua inglesa (norte-americana e britânica), difundidos em meio a economias globalizadas. Optar pela leitura de um livro ‘isolado’ parece ser cada vez menos a regra para os títulos que fazem maior sucesso.

Então, considerando as pesquisas feitas em diferentes anos, a exemplo de Abreu (2006), Ceccantini (2016) e Souza (2019), podemos afirmar que há uma certa seletização dessas leituras ideais, sendo essa equipe composta por membros das universidades, críticos literários, especialistas etc. os quais, muitas vezes, com algumas exceções, selecionam obras que estão, cada vez mais, distantes da maioria do público leitor, principalmente daquele que está fora dos círculos universitários, como, por exemplo, os jovens leitores, estes que ainda frequentam a educação básica. A respeito disso, para Souza (2019, p. 152),

[...] a primeira das ponderações que o estudo nos permite fazer refere-se ao visível descompasso entre a voz das instâncias premiadoras e dos adolescentes. As obras eleitas como as melhores para o jovem nem sempre fomentam uma identificação com o leitor real.

Sendo assim, inicialmente, acreditamos que a não leitura desses jovens em relação às obras premiadas vai muito de uma questão de não identificação com o leitor real, pois, caso consultemos trabalhos de análises dessas obras premiadas, como a tese desenvolvida pelo próprio Ceccantini (2000), também veremos uma diversidade de temáticas trabalhadas, as quais se mostram, inclusive, muito diferentes de obras produzidas em outras décadas. Assim, inferimos que essas obras que formam as infinitas listas que circulam todos os anos nas mais renomadas mídias, bem como compõem os prêmios literários e recebem o selo de mais indicado para o jovem leitor, comumente, distanciam-se do seu público por inúmeras outras questões, dentre elas, a falta de acesso, o que representa um abismo entre o que chega até as universidades e o que é transmitido para os leitores, e, principalmente, pela falta de mediação, afinal, quantos adolescentes e jovens você já presenciou lendo um dos livros destacados pelos renomados prêmios nacionais de literatura? Quantas práticas de mediação leitora são feitas, em sala de aula, com esses livros? Então, será que a fonte do problema é mesmo uma não identificação dos jovens com essas obras?

Considerando esse painel, podemos recuperar a fala de Abreu (2006): afinal, os títulos que são indicados são realmente os mais lidos? Quem são os seus leitores? A fim de responder aos supracitados questionamentos, a estudiosa realiza pesquisas, de modo a comparar com os livros mais vendidos nas editoras, por exemplo, e comprova haver uma disparidade entre os dois campos. Ancorando-se nas discussões desenvolvidas por Abreu (2006), além de outros, como Reis (2000), que também problematiza a escolha seleta do que se deve e como se deve ler, compreendemos que, não só no campo da literatura direcionada para os adultos, mas, principalmente, na esfera dos leitores juvenis, há, constantemente, influências que pré-determinam aquilo que deve ou não ser lido, sendo essas pré-determinações feitas por diferentes instâncias legitimadoras da leitura literária

Portanto, objetivando dar seguimento às investigações e às discussões previamente formatadas tais como as já citadas, propomo-nos, aqui, a apresentar uma parcela da pesquisa desenvolvida, ao longo do percurso do doutorado, a qual esteve direcionada para um público em formação, ou seja, o juvenil, e que, em aspectos metodológicos, classificou-se tanto como exploratória, dado que delimitou um campo de trabalho, isto é, a escola, e mapeou as condições de trabalho de um objeto, nesse caso, o livro literário, quanto como explicativa, pois, além de registrar os dados mapeados, também discutiu suas motivações.

Deste modo, as nossas discussões têm como foco adolescentes, no plural. Logo, conscientes dessa pluralidade, sabemos que, no decorrer do panorama das multiplicidades quanto ao termo, é impossível enquadrar esse grupo em um único modelo, esperando, assim, as mesmas atitudes, falas e hábitos, principalmente em relação à leitura literária. Consequentemente, algumas das constatações que geraram o desenvolver das investigações que aqui serão pontuadas, tais como “adolescentes leem!” e “há uma leitura de *best-sellers* acontecendo fora da sala de aula”; os “influenciadores digitais tornaram-se grandes incentivadores da leitura!”; “livros premiados não estão chegando até as salas de aulas!”, certamente não representam o todo, pois, assim como dito por Bourdieu (1983, p. 3) em “Gostos de classes e estilos de vida” “[...] cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras; as oposições entre as classes se exprimem tanto no uso da fotografia ou na quantidade e qualidade das bebidas consumidas quanto nas preferências em matéria de pintura ou de música”.

Essa “preferência” citada pelo pesquisador não pode ser confundida quando nos referirmos ao campo da leitura, com “capacidade”, como bem lembrado por Candido (1995),

porque, muitas vezes, os meios em que estamos inseridos, sejam eles de natureza familiar, escolar, social etc., acabam por delimitar as possibilidades de acesso a determinados bens culturais, a exemplo dos livros, resultando em um desconhecimento daquilo que circula em outros meios e que nesses é tido como algo natural ou padrão, mas que eles não são determinantes para que, se tivermos o acesso devido aos bens culturais responsáveis pelo desenvolvimento crítico e reflexivo humano, sejamos capazes de compreendê-los.

As falas de Bourdieu (1983) e de Candido (1995), para nós, são urgentes e necessárias, pois na sequência apresentaremos vozes distintas, as de adolescentes que frequentam uma escola privada e, em sua maioria, são provenientes de uma classe média – a qual, financeiramente, caso seja de interesse do adolescente, permite o acesso a diferentes livros e a meios tecnológicos que possibilitem o acesso a espaços virtuais que sejam também disseminadores de leituras; e as de adolescentes que, durante toda a sua vida, frequentaram a escola pública e vivem em um bairro periférico, rodeado de problemas econômicos, sociais e culturais que os atingem diariamente e interferem diretamente na relação que desenvolvem com a escola e, conseqüentemente, com o universo literário.

Cientes dessas realidades tão díspares, sabemos que as nossas expectativas e “certezas” enquanto pesquisadores e, algumas vezes, professores da rede privada de ensino e de escolas públicas que possam estar concentradas em áreas com uma realidade social diferente da apresentada, podem ser duramente confrontados, fazendo-nos entender que o ler, muitas vezes, está muito além do que o simplesmente querer, tal como percebido através das entrevistas realizadas e da experiência resultantes nas duas escolas que receberam a pesquisa, assim como mostrado a seguir.

Neste momento, abriremos o espaço para que as discussões saiam do lugar de fala dos especialistas e dos estudiosos do universo literário juvenil e passem aos sujeitos dessa investigação, ou seja, os leitores. Para isso, quanto aos procedimentos metodológicos, fizemos uso da pesquisa de campo, com dados coletados juntos a esses participantes em seus ambientes próprios, ou seja, salas de aula, presenciais e virtuais, utilizando-se do questionário como procedimento operacional.

As realidades escolares

A escola 1 é uma instituição que faz parte da rede privada de ensino de João Pessoa/PB e está em funcionamento há mais de 40 anos. A escola abarca desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio. Considerando que a referida pesquisa se desenvolveu justamente durante o processo pandêmico, é importante pontuar que a escola, no decorrer desse processo, funcionou, no ano de 2020, no formato virtual, com aulas regulares e com o mesmo tempo de duração seguido anteriormente, ou seja, 50 minutos; em 2021, passou ao sistema híbrido, com alternância das turmas, semanalmente, entre os formatos presenciais e virtuais e, em 2022, com a retomada 100% das aulas presenciais.

Nela, a disciplina de Língua Portuguesa, no nível Fundamental - Anos Finais, é estruturada da seguinte maneira: dois professores diferentes, ficando um responsável pela área da gramática (3 aulas semanais) e um encarregado pela área da redação, a qual acaba por fazer conexão direta com a literatura, por causa de, primeiro, o material didático ser composto, em grande maioria, por gêneros literários, trazendo textos para serem lidos e trabalhados em sala, quanto também pela adoção, por parte da escola, de quatro livros literários que devem ser trabalhados, conforme a docente responsável decidir, durante o ano, sendo um para cada trimestre e mais um adicional para as férias. Essas obras, até o ano de 2022, foram enviadas pela Editora Positivo, que firma parceria com a instituição, sem que houvesse uma seleção realizada pela professora, o que acabou por resultar, muitas vezes, em críticas, por parte dos alunos, envolvendo as temáticas, o projeto gráfico, o desenvolvimento do enredo – sempre apontados como insuficientes e fora da zona de interesse deles.

Anterior ao ano de 2019, os livros costumavam ser trabalhados pelas docentes que foram responsáveis pela disciplina em avaliações por meio de questionários. A partir do referido ano, foi apresentado aos alunos e à coordenação pedagógica da escola uma nova proposta de discussão das obras: círculos de leitura, nos moldes da proposta de Cosson (2018). Desde então, trimestralmente, acontecem os círculos, o que acabou por mudar, de certa maneira, a relação que os discentes estabelecem com essas produções, em razão de desvincularem-nas da obrigatoriedade da realização de uma prova, e os estimulou a desenvolver as funções que permitem uma discussão singular das diferentes abordagens do livro, além de colocá-los

diretamente em contato com diferentes estratégias leitoras, ou seja, os alunos passaram a entender o que fazem e o porquê fazem.

Além do trabalho com as obras que são obrigatórias dentro do programa curricular da escola, a literatura começou a fazer parte das aulas por via da leitura de textos de outros autores, os quais eram levados sempre que o estudo de um gênero literário era realizado, e das trocas realizadas através de conversas sobre os gostos literários de cada um, tornando-se uma via de conhecimento mútuo, em que alunos falam, cada vez mais, das obras que estão lendo – e as emprestam à docente titular – e ela também apresenta o que está lendo e empresta as obras que chamam atenção dos seus alunos, bem como, sempre que há oportunidade, traz discussões que envolvam obras premiadas, clássicos e *best-sellers*.

Antes de prosseguirmos, vale ressaltar, mais uma vez, que a proposta aqui descrita foi construída a partir das percepções resultantes das experiências dessas aulas, uma vez que, por meio dos diálogos e das exposições, ficou evidente que os alunos (i) nunca tiveram acesso a uma obra premiada tanto pela FNLIJ quanto pelo JABUTI – na verdade, anterior a menção em sala de aula a respeito dessas premiações, eles sequer tinham conhecimento da existência desses prêmios; e (ii) desenvolviam uma “rejeição” aos livros indicados pela escola, pois esses distanciavam-se completamente daqueles que costumavam ler, os *best-sellers*, os quais, em maioria, viravam uma verdadeira febre em diferentes turmas, formando, assim, comunidades de leitores, mas que jamais eram adorados pela escola como uma possibilidade de leitura oficial.

As turmas participantes dessa primeira etapa do questionário – mencionado previamente na introdução – e que foi aplicado por ser o instrumento norteador que traria esclarecimentos a respeito dos sujeitos participantes da pesquisa, a exemplo da influência dos *booktubers* em seus hábitos literários e dos olhares particulares que direcionam para as obras antes e durante a leitura –, ou seja, os 8º e 9º anos, eram compostas por 53 alunos do 8º ano e 60 alunos do 9º ano.

No dia da aplicação do questionário, havia alunos faltosos, conforme poderá ser visto na somatória daqueles que participaram. O questionário foi aplicado através do compartilhamento do *link* do formulário Google, durante as aulas da docente responsável pela disciplina de Redação, e foi lido previamente para os alunos, esclarecendo alguns possíveis termos que poderiam gerar dúvida, como a noção de critérios de escolha e dos próprios

curadores digitais, ainda que esse termo já circule no dia a dia dos alunos, inclusive em abordagens e atividades anteriores realizadas durante as aulas.

A escola 2, segunda instituição participante na pesquisa, faz parte da rede municipal de ensino da cidade de João Pessoa/PB e atende a 600 estudantes do Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante o processo pandêmico, a escola funcionou de maneira virtual, iniciando, assim como toda a rede de ensino público de João Pessoa, meses após a rede privada, a qual permaneceu nesse modelo de ensino até o ano de 2022, com exceção da escola 2, que só teve suas atividades presenciais retomadas em outubro de 2023, devido a um processo de reestruturação, promovido pela prefeitura, no prédio em que a escola funcionava.

No decorrer desse ensino virtual, a disciplina de Língua Portuguesa era ministrada, em cada uma das séries, 8º e 9º ano, por duas professoras diferentes; ambas só tinham contato com os alunos uma vez por semana, através de uma chamada de vídeo realizada pelo Google Meet, com duração de 1 hora. Conforme os registros da escola, cada uma das turmas, que se dividiam em A e B, eram formadas por cerca de 36 alunos, no entanto, esse número era, cada vez mais, reduzido, à medida que as aulas permaneciam no campo virtual.

Em razão dessa configuração do sistema das aulas, considerado o reduzido tempo em que elas tinham com seus discentes, a intervenção não pode anteceder, com uma possível observação das práticas de ensino, por exemplo, ao dia da aplicação do questionário, já que as docentes precisavam dar conta de um currículo que estava adaptado para essa realidade virtual. Todavia, em diálogos com as professoras que antecederam esse primeiro contato com os alunos, foi possível perceber que não havia um trabalho especificamente voltado para o ensino da literatura em sala de aula durante esse processo virtual, algo que, segundo a professora responsável pelas turmas do 8º ano, costumava ser diferente quando o funcionamento acontecia de maneira presencial, dado que, nessas circunstâncias, era possível fazer projetos na escola em parceria com escritores da região, o que acabava por inserir e estimular os alunos a conhecerem e lerem algumas das suas produções.

Ainda, fruto desse diálogo com as docentes, também foi possível compreender um pouco mais da realidade desses alunos, os quais, em maioria, nasceram e cresceram nesse bairro, o qual possui condições econômicas bastante desfavoráveis, impactando, diretamente, no acesso ao que chamamos de capital cultural, esse que, muitas vezes, chega a ser desconhecido pela

maioria da população. As professoras ainda ressaltaram que, no decorrer desses anos em ensino virtual, a evasão escolar foi, cada vez mais, latente, e aqueles poucos alunos que lá ainda permaneciam eram os que podiam contar com algum incentivo por parte dos familiares.

Assim sendo, em uma das aulas virtuais, tivemos acesso às turmas, e, semelhante ao que aconteceu com a escola privada, foram apresentados os objetivos da pesquisa, contextualização de cada uma das etapas e convite para que os alunos respondessem às questões propostas na sequência, com uma leitura prévia e esclarecimentos, ao longo do tempo em que estavam respondendo ao formulário, sobre dúvidas que surgiram, conforme será visto no tópico seguinte.

Aplicação do questionário e resultados

Conforme antecipado no tópico anterior, antes do questionário ser aplicado, os alunos conheceram a proposta da pesquisa, suas motivações, os objetivos que buscavam ser alcançados através dessa investigação, e as etapas que seriam desenvolvidas. Após esse momento de apresentação, o questionário foi lido para eles e foi dada uma explicação sobre cada uma das questões, principalmente a respeito daquelas que poderiam gerar algum tipo de dúvida – percepção que foi confirmada através de perguntas realizadas pelos alunos, principalmente aqueles pertencentes à escola pública, como: 1) O que é literatura? 2) O que é um leitor literário? 3) O que significa eleger critérios de seleção? 3) O que significa ser *booktuber* ou *booktoker*? – embora, em nosso entendimento prévio, esses termos fossem totalmente conhecidos pelos adolescentes, encontramos duas realidades distintas: a) Os que acessavam esses canais ou páginas, mas não usavam esses termos para defini-los; b) Aqueles que desconheciam totalmente esses curadores digitais. Após o término do preenchimento dos questionários, os alunos foram novamente informados a respeito da realização do círculo de leitura e receberam o convite para participar.

A seguir, apresentamos as perguntas feitas aos alunos, suas respostas e as nossas reflexões.

Você se considera um leitor literário?

A primeira pergunta já iniciou gerando dúvidas, pois, ao se depararem com ela, muitos adolescentes, tanto da escola pública quanto da privada, questionaram-se quantos livros precisariam ter lido para poderem ser considerados leitores literários. A esse respeito foi explicado que, em termos numéricos, conforme a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2020), um leitor é aquele que lê, ao menos, 1 livro a cada três meses, mas que essa definição pode ser bastante relativa, em virtude de, em nossa vida, muitas situações acontecem e acabam por influenciar a constância literária que mantemos. Ademais, outro questionamento, sobretudo dos alunos da escola pública, foi a respeito do que seria necessariamente um livro literário, devido a alguns terem inseguranças se as suas leituras poderiam receber essa classificação.

Sanadas as dúvidas, a pergunta foi respondida, e, com base nessas respostas, podemos visualizar que, nas turmas do 8º ano da escola privada, dos 41 entrevistados, 26 consideravam-se leitores literários, o que corresponde a 63%, ou seja, a maioria da turma. Na escola pública, observamos um cenário diferente, o qual se dá tanto em razão de o número daqueles que se consideram leitores ser menor, consistindo em 7 dos 19 entrevistados, aproximando, em porcentagem, de 37% da turma, quanto de alguns estudantes, ainda que os esclarecimentos iniciais tenham sido dados, apresentarem certa imprecisão nas respostas.

Nas turmas do 9º ano da escola privada, percebemos que, com base nas respostas, os discentes classificam-se mais como não leitores, chegando a quase 67% dos entrevistados, enquanto os leitores somam quase 33%. Na rede pública, o cenário também permanece em desvantagem para os leitores, em razão de representar apenas 28%, enquanto os não leitores atingem quase 72%. Semelhante ao que aconteceu nas turmas do 8º ano, também temos algumas respostas inconsistentes, as quais sempre esbarram na associação de um leitor literário com a ideia da frequência, algo que foi exposto já na Pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2020).

Utiliza critérios para selecionar as suas leituras literárias? Caso sim, cite-os.

A segunda pergunta, centralizada em critérios de seleção, foi formulada porque acreditamos que os adolescentes não escolhem os seus livros de maneira aleatória, mas que,

nesse processo, o “gosto desse!” está respaldado; respaldo esse que, através das suas respostas, fica perceptível quando diferentes critérios seletivos são mencionados, a exemplo de *capa*, *título*, *sinopse*, *indicações*, *intuição*, *avaliações*, *autor*, *gênero*, *cor de folha* e *tamanho*.

A respeito da *capa*, os entrevistados, principalmente da escola privada explicaram que ela precisa ser, preferencialmente, dura, chamativa, com cores mais vibrantes, e alguns traços ilustrativos, mas sem trazer as fotos dos personagens, pois isso desestimula a capacidade imaginativa deles, isto é, a visualização. Sendo assim, percebemos que o visual será determinante no processo da escolha.

Tal como a *capa*, o *título* é um dos elementos paratextuais que logo costuma saltar aos olhos quando estamos diante de um livro, e é a partir dele que se constrói as inferências acerca da obra. Sendo assim, precisa ser atrativo e deixar um “quê” de curiosidade que os instiguem a querer desvendar a produção literária.

No tocante à *sinopse*, é necessário que essa introduza o leitor naquilo que a história vai contar, mas que sempre deixe em aberto algo que o instigue a querer ler o livro. Inclusive, no meio digital, como na rede social TikTok, há muitas páginas em que as sinopses agora são produzidas pela incorporação dos personagens pelos apresentadores, isto é, ao referir-se como sendo o personagem principal do livro, o resenhista vai trazendo algumas caracterizações e contando o que acontecerá na história, mas sempre interrompendo a sinopse naquela que considera como sendo a informação mais importante, deixando um espaço vazio, para que o leitor, que está assistindo ao vídeo, sinta-se bastante atraído e busque, rapidamente, ler o livro, para, enfim, descobrir o final da história.

As *indicações*, pontuadas logo na sequência, serão mais destrinchadas em perguntas seguintes, mas é perceptível que, sobretudo por estarem em uma fase em que estar por dentro do que se lê, no meio adolescente, significa fazer parte de uma comunidade, e isso esbarra em uma questão ainda mais importante: pertencer a algo ou a algum lugar. Importante pontuar que esse critério apenas apareceu, e com recorrência, entre os adolescentes da rede privada, o que pode trazer à tona uma discussão sobre as redes de incentivo à leitura, visto que, à medida que estou próxima, seja presencialmente ou virtualmente, a pessoas que leem ou a lugares que contribuam para a aproximação com os livros, as referências literárias tornam-se maiores e mais frequentes.

Consideramos interessante a menção do quesito *intuição*, pois, além de, geralmente, não transitar entre as exposições teóricas de estudiosos das obras literárias juvenis e dos seus leitores, certamente, permeia o campo da subjetividade, graças a ser quase um pressentimento sobre a potencialidade do livro. Claro que ela não surgirá por mero acaso, e será fruto seja do olhar para a obra literária a partir de outros critérios já citados (*projeto gráfico, título, sinopse*), seja do ouvir sobre o livro (*recomendações* frutos de resenhas digitais e das comunidades leitoras).

Outro critério apontado foi o de *avaliações*, e esse, no mundo moderno em que os nossos jovens estão inseridos, muitas vezes, virá representado pelo famoso “quantas estrelas recebeu esse livro?”, dado que esse meio é o novo parâmetro para definir o quanto o livro agradou ou não e costuma ser seguido de uma avaliação escrita, a qual apontará os pontos positivos e negativos da obra. Ou seja, eles não estão apenas lendo, eles estão, constantemente, produzindo sínteses sobre o que leem.

O quesito de seleção *autoria* está ligado, inicialmente, a dois pontos: i) as próprias leituras desses adolescentes, uma vez que partem de outras experiências que já tiveram com aquele escritor ou escritora e que os fazem desenvolver ou um gosto pelo seu estilo de escrita, temas abordados e caracterização dos personagens, muitas vezes, devorando séries de livros da mesma autoria; ou uma total rejeição, sem abrir exceções para experienciar uma outra obra. ii) o estrangeirismo: ao percebemos as leituras que circulam entre os adolescentes e aquelas que mais costumam ser indicadas por *booktubers* voltados à faixa etária dos entrevistados, é notável que a grande maioria dos autores são de outras nacionalidades, sobretudo americanos, acabando por criar uma imagem estereotipada da literatura nacional.

O *gênero literário* da obra também costuma influenciar no momento da escolha, em razão de, segundo as suas falas, haver uma clara preferência por romances, ficção científica, contos e poemas, principalmente abordando a temática da fantasia – essa última sendo apontada por muitos adolescentes como um meio de escape à realidade em que estão inseridos.

O critério *cor de folha* foi justificado pelos adolescentes da escola privada, pois, ao responderem aos questionários, verbalizavam as suas respostas e discutiam bastante sobre cada uma delas, da seguinte forma: livros com páginas muito brancas costumam incomodar visualmente, dificultando o fluir da leitura, algo que não acontece quando a tonalidade da folha

não segue esse padrão, principalmente as que são mais amareladas, tornando-se as mais queridas pelos leitores.

Por fim, quanto ao *tamanho*, esse parece ser um dos mais casual entre os leitores, pois, de um lado, há aqueles – uma minoria – que preferem livros mais curtos, uma vez que, embora se classifiquem como leitores literários, costumam ficar entediados quando os livros são mais extensos, sobretudo se vierem com uma carga de detalhes muito longa; do outro lado há um grupo de leitores que se sentem mais atraídos por livros que apresentam um maior número de páginas, visto que denotam um possível aprofundamento maior do enredo e dos personagens.

Por que você começou a ler livros literários?

Assim como percebido na pergunta anterior, quando questionados sobre o porquê leem, também é possível perceber que, embora no geral apareça um verdadeiro leque de justificativas, a grande maioria delas acaba por repetir-se:

- 1) *Influência da escola*, visto que nessa, geralmente, eles são introduzidos às primeiras experiências literárias e também permanecem tendo contato com essas produções ao longo de suas formações, seja através das escolhas dos livros que são feitas pela instituição e que devem ser lidas no decorrer de cada ano, como é o caso da rede privada, além de serem solicitadas em avaliações, trabalhos ou círculos de leitura; ou de incentivos que vêm por intermédio de sujeitos que, para eles, estão totalmente associados à escola, seus professores, os quais são mencionados, tanto na rede pública como na rede privada, como influenciadores da leitura literária.
- 2) *Incentivos familiares*. Ao referirem-se aos seus familiares, sobretudo nas turmas de 9º ano, percebemos três menções distintas: um de ordem mais *emocional*, logo que há a recordação de momentos de interação com os seus pais; outra de ordem mais *referencial*, uma vez que os seus parentes, já leitores, contribuem para que sigam esse caminho.
- 3) *Por influência de amigos e indicações*. Tal resposta coaduna com as nossas considerações acerca de que, quando estão inseridos em um meio em que a leitura circula e faz parte das pautas de conversas, de alguma maneira, os adolescentes

sentem a necessidade de também ingressarem nesse universo literário e conhecerem aquele livro que mais está sendo lido no momento, para que consigam fazer parte dessa comunidade leitora através dos comentários que farão sobre as obras. Além disso, ressalta-se que, na hora que mencionam “*indicações*”, existe uma ligação com a suas redes de confiabilidade e elas são formadas por pessoas que compactuam dos seus estilos de leitura, sejam eles de ordem temática, autoral ou de gênero textual. A partir disso, compreendemos que essas fontes indicadoras de leituras são selecionadas pela aproximação do critério de gosto.

- 4) *Por virar modinha* interliga-se totalmente com a resposta anterior, em virtude de, por estarem em uma fase que é caracterizada pelo poder da influência em suas vidas, conforme já a fala de Siegel (2016), quando esse diz que o cérebro do adolescente é movido pela busca por novidades e pelo engajamento social, se ler está na moda, então é preciso tornar-se um leitor. Nesse ponto, abrimos um parêntese para ressaltar que, apesar de esse “virar modinha” pareça tornar os livros, assim como tantos outros produtos lançados pela moda, passageiros, muitos adolescentes tornam-se leitores constantes, passando a explorar o universo literário de diferentes formas.
- 5) *Fuga ao tédio*. A partir dessas respostas, compreendemos que há uma confissão implícita de que, para esses adolescentes, as suas vidas reais não os instigam tanto quanto aquelas que podem ser experienciadas pelos personagens dos livros, esses que, apesar de, muitas vezes, aproximarem-se tanto, seja por meio dos conflitos vivenciados ou das suas personalidades, desses leitores em formação, apresentam expectativas melhores no tocante à resolução dos seus problemas, sejam eles de ordem amorosa ou familiar – duas áreas conflituosas nessa faixa etária.
- 6) *Adaptações midiáticas*. A teórica Linda Hutcheon, em *Teoria da adaptação* (2013), explica que há um caminho muito comum percorrido por leitores, sendo esse a leitura de um livro literário e, logo após, a visualização da sua adaptação para o universo cinematográfico, o que, muitas vezes, gera várias comparações, algo não ideal, devido à configurarem-se como duas artes diferentes. Todavia, diferente dessa trajetória apontada pela autora, as palavras de alguns dos entrevistados revelam que, provenientes de uma geração imersa em tecnologia, percorrem,

algumas vezes, um caminho inverso ao apontado pela estudiosa, pois o interesse em descobrir mais informações sobre a produção literária de Harry Potter, por exemplo, iniciou-se, para muitos, a partir do conhecimento dos seus filmes.

- 7) *Crescimento pessoal*. Tais respostas esclarecem que os livros literários ainda são vistos como fontes de conhecimento que trarão benefícios ao crescimento humano, algo que, também, pode ser fruto de uma cobrança social para que a literatura atenda a uma finalidade prática. Sendo assim, percebemos que esse crescimento, na visão desses adolescentes, precisa ser visto de maneira quase palpável, e o ler, segundo eles, é um instrumento para alcançar outros objetivos previamente estabelecidos, como melhora no vocabulário, por exemplo.
- 8) *Redes sociais*. Em número menor, mas já perceptível, encontramos uma menção à influência das redes sociais no estímulo à leitura. Tal citação mostra que esses meios mostram-se como condutores dos adolescentes aos livros, principalmente em razão de que as pessoas que falam sobre esses livros serem também adolescentes, contribuindo, sem dúvida, para uma primeira identificação inicial.
- 9) *Reencontro*. Cientes de que as nossas investigações desenvolveram-se no decorrer de um período pandêmico, e que os adolescentes aqui entrevistados enfrentaram diversas dificuldades ao longo desse processo, sobretudo com o meio escolar, em função de precisarem afastar-se dele, o que trouxe impactos para diferentes áreas de suas vidas, a exemplo da social, da emocional e da intelectual, ler as palavras de uma adolescente, a qual menciona que voltar a ter contato com os livros foi para ela um retorno a quem ela era de verdade antes da pandemia, lembra-nos que os livros promovem, sim, muitos encontros, mas, em algumas situações, eles promoverão reencontros.
- 10) Dentre os critérios apresentados, dois deles, ao nosso entendimento, ficaram mais vagos, sendo eles *porque gosto* e *por ser interessante*, os quais, devido ao não desenvolvimento das justificativas, deixam-nos sem margem para tecer comentários.

Quais os três últimos livros literários que você leu?

Após realizarmos a leitura das respostas, uma constatação foi latente: apesar de a pesquisa realizada não estar ancorada nas bases da comparação entre a escola pública e privada, pois sabemos que, inevitavelmente, são realidades completamente diferentes, as respostas apresentadas à primeira pergunta, quando foram questionados a respeito da visão que tinham sobre si próprios enquanto podendo ser chamados de leitores literários ou não, refletem totalmente no questionamento atual, o que revela que o índice de leituras realizadas pelos adolescentes da rede privada é maior do que os da rede pública.

Um ponto interessante percebido a partir desse questionamento é que, alguns alunos, principalmente da escola privada, que, na primeira pergunta, declararam-se não leitores literários, citaram livros que haviam lido recentemente, sendo muitos deles mediados pela escola, em razão de fazerem parte da lista do que eles classificam como “paradidáticos”, a exemplo de: *Murmúrio* (2014), de Marcos Bagno; *Apenas Tiago* (2014), de Caio Riter; *Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia* (2020), de Edson Kayapo; *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho* (2013), de Nilma Lacerda; *Sábado no Parque* (2020), de Tadeu Pereira; *Noite feliz* (2014), de Ivan Jaf; *Dominic* (2017), de William Steig; *Labirinto no escuro* (2013), de Luís Dill; *O estalo* (2021), também de Luís Dill; *Pantanútilos* (2010), de Ana Carolina Neves; *Sherlock Holmes* (2014), de Arthur Conan Doyle e *O pequeno príncipe* (2013), de Antoine de Saint-Exupéry; o que revela que, por serem apresentados aos alunos dessa maneira – o que acontece na lista que recebem, não em sala de aula – eles não os enquadram como textos literários.

Outro ponto a ser destacado é a repetição de títulos que circulam entre os adolescentes, como por exemplo *Harry Potter* (1998), de J. K. Rowling; *A seleção* (2012), de Kiera Cass; *Mentirosos* (2014), de E. Lockhart; *Amor e gelato* (2017), de Jenna Evans Welch; *Os sete maridos de Evelyn Hugo* (2019), de Taylor Jenkins Reid; *A garota do lago* (2016), de Charlie Donlea; *One piece* (2022), de Eiichiro Oda; *Um de nós está mentindo* (2018), de Karen M. McManus; *O lado feio do amor* (2015), de Colleen Hoover; *Amor nos tempos do blog* (2012), de Vinicius Campos; *O diário da Anne Frank* (1995), de Anne Frank; *Percy Jackson* (2014), de Rick Riordan; *Vermelho, branco e sangue azul* (2014), de Casey McQuiston e *O príncipe*

cruel (2018), de Holly Black, fazendo-nos entender a existência, entre eles, de uma comunidade de leitura.

Ademais, interessante a constatação de que, nas turmas do 8º ano, há uma dualidade quanto às leituras realizadas, pois, na escola privada, há um número muito maior de obras *best-sellers* sendo citadas, enquanto na pública, apesar de muitas citações pertencentes à literatura de massa, apareçam com relevância os clássicos, como *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis; *O tempo e o vento* (1949), de Erico Verissimo (1949); *Viagem ao centro da Terra* (1864), de Julio Verne; *Caçadas de Pedrinho* (1933), de Monteiro Lobato e *A revolução dos bichos* (1945), de George Orwell, os quais não chegaram nem a ser citados pelos alunos da rede privada. Já nas turmas do 9º ano, a preferência literária assemelha-se, dado que há um índice maior de leituras *best-sellers* em detrimento das clássicas.

Por fim, sendo essa informação do nosso total interesse, dentre todos os títulos apontados pelos adolescentes como pertencentes aos seus arcabouços de leitura, não há qualquer menção a produções premiadas pelo FNLIJ e pelo JABUTI na categoria Juvenil, comprovando que, embora essas obras sejam para os jovens, elas não estão entre os jovens.

***Selecione, entre as opções abaixo, os meios que mais lhe influenciam a ler livros literários?*³**

Os resultados obtidos através das respostas dadas a essa pergunta permite-nos ter uma ideia mais clara a respeito dos principais agentes influenciadores da leitura literária na vida desses adolescentes, o que acaba por determinar, de certa maneira, os tipos de livros que lerão e a potencialidade de adquiri-los, tendo em vista que são menores de idade e que precisam de recursos financeiros para conseguir esse material, seja físico ou virtual, uma vez que terão que ter o recurso tecnológico necessário para suportá-los, sejam celulares, tablets, notebooks ou kindles.

Ao realizarmos a organização dos dados, encontramos variações tanto entre as turmas quanto entre as escolas, pois, nas turmas de 8º ano, por exemplo, os alunos da rede privada mencionaram que as suas principais influências para ler livros literários são: 1) Amigos (24

³ Para esta pergunta foi disponibilizado opções para marcar, o que será visto no decorrer e discussões das respostas.

menções); 2) Escola (20 menções); 3) Família (12 menções); 4) *Booktubers* (11 menções); 5) *Booktokers* (8 menções) e 6) Outros (sendo 3 menções, mas sem especificações). Já os alunos da rede pública classificaram seus influenciadores literários da seguinte forma: 1) Escola (5 menções); 2) Família (4 menções); 3) Amigos (4 menções); 4) *Booktokers* (1 menção); 5) *Booktubers* (0 menção); 6) Outros (5 menções, mas sem especificações).

Nas turmas de 9º ano, a organização ficou da seguinte maneira: os alunos da rede privada selecionaram como seus maiores influenciadores a 1) Escola (32 menções); 2) Família (15 menções); 3) Amigos (14 menções); 4) *Booktubers* (7 menções); 5) *Booktokers* (6 menções); 6) Outros (1, mas sem especificações). Os adolescentes da escola pública fizeram a seguinte seleção: 1) Escola (12 menções); 2) Amigos (8 menções); 3) Família (6 menções); 4) *Booktubers* (1 menção); 5) *Booktokers* (1 menção); 6) Outros (5, mas sem especificações).

Referindo-se, em primeira análise, às respostas das turmas de 8º ano, há margens para tecer algumas considerações, tendo em vista que, por exemplo, a hierarquia estabelecida pela primeira turma, a da rede privada, leva-nos a seguinte inferência: a comunidade leitora da qual fazem parte ocupa a fonte central em que obterão informações sobre as leituras que mais estão em alta ou aquelas que alcançam uma boa classificação conforme os critérios estabelecidos por cada um desses leitores, o que desenvolve neles uma motivação para conhecê-las, e, na sequência, discutir sobre as suas percepções, e logo influenciar outros amigos a lê-las também.

Em segundo lugar, aparece a escola, a qual possui uma realidade, conforme já pontuada aqui, de obras selecionadas para leitura anual, o que, ainda que essas produções estejam longe de cair nos gostos dos adolescentes, os mantêm próximos à literatura, além de a própria divisão da disciplina de Língua Portuguesa permitir uma centralização maior em leituras literárias em sala de aula, seja de obras completas, seja de outros textos isolados.

Na terceira colocação aparece a família, essa que receberá a demanda de solicitações para a compra das obras literárias solicitadas pelos adolescentes, sendo resultantes das conversas entre amigos e do que se obteve como referência na escola. Além disso, os familiares, como referidos em respostas anteriores, são aqueles que, em recorrência, apresentam as primeiras leituras a esses adolescentes, bem como os incentivam a ler obras clássicas e reforçam os benefícios que a leitura pode trazer, assim como percebido de maneira internalizada em seus próprios discursos: ampliação de vocabulário, mais conhecimento, melhora na interpretação textual etc.

Na quarta e na quinta colocação estão os influenciadores digitais, os *booktubers* e os *booktokers*, que, por intermédio das redes sociais, alcançam os adolescentes, e, ao utilizarem diferentes estratégia, aproximam-se do seu público-alvo e fazem com que se interessem pelas leituras indicadas.

Nas turmas da escola pública, percebemos que a classificação dos influenciadores literários não seguiu a mesma ordem, devido à escola ocupar o primeiro lugar, porque é esse ambiente que representa, para eles, a possibilidade de maior contato com o universo literário, em função da presença da biblioteca, de possíveis projetos que são desenvolvidos, e das indicações que são feitas por parte das professoras, as quais são instrumentos que interligam o campo literário com a sala de aula.

Em segundo lugar foi posta a família, e, recordando-se de conversas tidas com a professora titular da turma – e mencionada anteriormente – justifica-se quando essa descreveu que a maioria dos alunos que ainda frequentavam as aulas e que citaram que costumavam ler estavam em espaços familiares que possuíam vínculos com a universidade, principalmente por meio dos pais que haviam cursado alguma graduação. Nesse ponto, gostaríamos de fazer uma ressalva, para evidenciar que sabemos que alguns desses alunos que trouxeram suas famílias como influenciadores, não necessariamente precisam ser filhos de pais formados academicamente, afinal, o incentivo à leitura parte da compreensão da importância que essa tem na vida do ser humano e essa compreensão não pertence somente aqueles que frequentam as universidades.

Ao lado dos familiares, com o mesmo número de menções, estão os amigos, os quais integram esse círculo de trocas, sejam elas literárias ou de outras esferas, e que justificam, em nosso entendimento, a razão de, quando questionados sobre os livros literários que leram, haver a exposição de produções best-sellers, todavia, os *booktubers* e *booktokers* ocuparem as últimas posições.

No tocante às turmas de 9º ano, na rede privada, notamos uma mudança na hierarquização dos influenciadores, de modo que a escola passa a ocupar o primeiro lugar, e os amigos o terceiro. Em análise – já reconhecendo que ela parte de um olhar bastante subjetivo nosso – entendemos que, nesse momento, os alunos começam a vivenciar uma fase de transição, preparando-se para ingressar no Ensino Médio, o que os leva a iniciarem em uma zona de preocupação sobre a temerosa Redação, a qual exige uma série de repertórios socioculturais,

despertando, nesses alunos, o interesse por obras que antes não compunham os leques de leituras.

A respeito dos amigos, apesar de continuarem ocupando uma posição relevante, não estão no centro quando o assunto é influência, característica também de um certo processo de maturidade e independência que esses alunos estão transitando, fazendo-os migrarem para outras leituras, não apenas aquelas compartilhadas pelas comunidades que frequentam.

Quanto às escolhas dos adolescentes da escola pública, percebemos que houve uma inversão relacionada à família e aos amigos, pois esses últimos receberam mais menções, revelando que, nessa turma, a influência para a leitura é mais proveniente dessa comunidade adolescente com a qual eles mantêm contato do que necessariamente da família, o que pode se dá pelo não conhecimento desses familiares a respeito dessa leitura literária, ou até mesmo ao processo de afastamento desse meio que os adolescentes costumam vivenciar, optando por realizarem as suas próprias escolhas.

Caso a sua resposta anterior tenha sido booktubers ou booktokers, cite os nomes dos influenciadores ou dos seus canais que você mais costuma acessar para buscar indicações de livros.

A partir do detalhamento dos *booktubers* e dos *booktokers* mais consultados notamos que houve uma predominância nas turmas da escola privada, considerando que apenas dois entrevistados da rede pública mencionam esses influenciadores. No entanto, ao realizarmos a procura dos canais por eles citados, tivemos dificuldades em localizá-los, dado que parece existir mais de um com o mesmo nome. Na turma do 8º ano da rede privada, as *booktubers* foram mais citados, especialmente Lu Pazos; Bel Rodrigues Estante Cósmica, recebendo duas menções cada uma delas. Nas turmas do 9º ano, apenas na escola privada foram citados *booktubers*, ou os seus respectivos canais, sendo eles @livresenhas, e Thiago Neiva com mais menções.

Após identificar os influenciadores literários digitais citados pelos estudantes, percebemos que ter o maior número de seguidores, certamente, não é algo levado em consideração pelos alunos, tendo em vista que os nomes destacados por eles não integram as listas dos *booktubers* considerados os principais desse cenário digital, como: Tatiana Feltrin,

com 470 mil inscritos e Isabella Lubrano com 500 mil inscritos. Em nossa percepção, a proposta dos canais das duas influenciadoras mais seguidas não agrada os adolescentes – claro, aqui estamos falando do grupo participante das entrevistas com base nas informações que esses foram compartilhando conosco por meio das suas respostas, pois ambas seguem uma linha que transita entre o clássico e o contemporâneo, mas não abarcando o estilo das obras que mais foram pelos alunos.

Considerações finais

Ao longo das discussões apresentadas, dados foram expostos, os quais nos levaram à percepção de que há uma significativa leitura literária acontecendo entre os jovens, no entanto, esta desafia as obras indicadas como ideais para os jovens, sobretudo na esfera acadêmica, a exemplo daquelas selecionadas pelos prêmios Jabuti e FNLIJ; conforme verificado, estas não estão circulando entre as suas mãos. Em contraponto, as leituras sugeridas pelos curadores digitais são consumidas pelos leitores juvenis, de forma voraz, havendo assim uma disparidade entre o que é indicado para os jovens e o que está entre os jovens.

Tais constatações dialogam, por exemplo, com pesquisas centradas no desenvolvimento cerebral dos adolescentes, conforme a realizada por Siegel (2016), dado que, segundo o estudioso, os adolescentes sentem a necessidade de pertencer a algo e de estarem inseridos em grupos, sendo confirmado pela própria fala dos leitores, quando tiveram suas vozes postas em evidência, a exemplo de como mencionam, por exemplo, as redes que os influenciam e os aproximam das leituras. Ademais, suas falas desmitificaram, por exemplo, alguns pensamentos reproduzidos erroneamente, como o de que os adolescentes não seriam tão assíduos à leitura literária e que escolhem livros somente baseados no quesito de gosto; incoerências essas já adiantadas por outras investigações que antecederam essa, tendo como exemplo a de Oliveira (2013), além das considerações de Ceccantini (2019).

Em consonância com os estudiosos, constatamos mais uma vez que, mesmo que os alunos sejam usuários assíduos das redes sociais, sendo essas vistas como perigosas em relação à preferência pela leitura, cenário retratado, inclusive em produções literárias diatópicas, não significa dizer que eles não estão lendo. Pelo contrário, os resultados mostram que há uma assiduidade entre os adolescentes no tocante à leitura literária, e que possuem critérios

específicos aos escolherem suas leituras, abarcando tanto fatores intraliterários quanto extraliterários.

Para mais, suas falas tornaram-se confirmações diretas às nossas hipóteses levantadas previamente: obras premiadas pela crítica acadêmica não compõem seus acervos literários, ao passo que as *best-sellers*, advindas das suas redes de curadoria literária, as quais são formadas, contemporaneamente, por dois sujeitos principais, amigos e *booktubers*, são protagonistas. Em acréscimo, suas respostas foram explicativas, uma vez que clarearam a percepção de que essa ausência das obras indicadas pelos prêmios nacionais não acontece em razão de uma reprovação quanto à sua qualidade ou atendimento às suas expectativas, mas devido a um não conhecer dessas produções. Em suma, esse desconhecimento é proveniente, certamente, de uma falha escolar, a qual está ancorada em uma desatualização docente sobre o que há de disponível para jovens em termos de fomento à leitura, além de uma não preocupação, por parte dos programas de distribuições de livros na formação docente para o trabalho, durante as aulas, com as produções literárias indicadas e selecionadas. Por fim, de uma não atualização, por parte das premiações, referente aos meios que ligam adolescentes às obras, isto é, as indicações digitais.

Sendo assim, é vital uma compreensão, por parte de governantes, idealizadores de premiações e professores, que há uma forte comunidade leitora sendo formada através dos espaços virtuais e que elas não podem ser negligenciadas. E, caso essas produções juvenis legitimadas pelos prêmios nacionais não estejam presentes entre as indicações realizadas por esses curadores digitais acessados e que têm a confiança do público adolescente, muitos outros trabalhos acadêmicos ainda serão desenvolvidos trazendo à tona as mesmas problemáticas, bem como seguiremos tendo lacunas desafiadoras quanto ao trabalho com a leitura literária em sala de aula.

Do mesmo modo, sobretudo em relação aos docentes, é necessária a concepção de que não se forma leitores sem que você mesmo seja um leitor, então, seja de obras *best-sellers*, seja em relação a obras premiadas, faz-se urgente que professores as conheçam, as leiam, as indiquem e abram espaços para que os trabalhos de mediação aconteçam nas respectivas salas de aulas em que estiverem atuando, pois, assim, estaremos promovendo a formação leitora em sala de aula e não mais seremos assombrados pelos fantasmas que permeiam as obras distópicas, isto é, um mundo sem leitura.

Referências

- ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, 1983.
- BRADBURY, R. *Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima*. São Paulo: Globo, 2003. Originalmente publicado em 1953.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CECCANTINI, J. L. T. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, F. dos; MARQUES NETO, J. C.; RÖSING, T. M. K. (org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009. p. 207-231.
- CECCANTINI, J. L. T. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 83-98.
- CECCANTINI, J. L. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978-1997)*. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2000.
- COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FAILLA, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- HOOVER, C. *É assim que acaba*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.
- HOOVER, C. *Todas as suas (im)perfeições*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2019.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: UFSC, 2013.
- HUXLEY, A. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2001. Originalmente publicado em 1932.
- OLIVEIRA, G. R. de. *As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.
- ORWELL, G. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Originalmente publicado em 1949.
- REIS, R. Cânon. In: JOBIM, J. L. (org.). *Palavras da crítica: uma introdução*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SIEGEL, D. J. *Cérebro adolescente: a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos*. São Paulo: Versos, 2016.

SOMBINI, E. Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2019. Não paginado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>. Acesso em: 28 out. 2019.

SOUZA, D. F. S. de S. *Literatura juvenil premiada: diálogos entre pesquisas acadêmicas, crítica especializada, escola e adolescentes leitores*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

Reading for and among the youth: with the word, the readers

Abstract: This article presents research results on the formation of readers and the taste for literature among adolescents and young people, students enrolled in the final years of basic education. The aim of the investigation was to highlight, through the voices of the readers, that there is an intense circulation of books among them and that there is a fervent reading community, indicating that young people do read literature. The theoretical framework used in the discussions and analysis of the results comes from studies and readings of other research, especially Ceccantini (2000) and Souza (2019), and the theorists Abreu (2006), Candido (1995), and Bourdieu (1983). As results, based on the field research conducted through a questionnaire, we perceive that there is significant literary reading happening among young people, that there is regularity in literary reading among adolescents, and that they have specific criteria when choosing their readings, encompassing both intra-literary and extra-literary factors. Finally, we also found that the absence of readings of award-winning works occurs due to a lack of knowledge and gaps in the teaching work that does not present such works to their students, as with good mediation, these books could be read and well received by their readers.

Keywords: Youth; Readers; Literature; School; Final years.

Recebido em: 29 de junho de 2024.

Aceito em: 18 de agosto de 2024.